



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de História

Disciplina: História Contemporânea

Prof. Luiz Arnaut

Textos e documentos

Justificativas para o neocolonialismo

Imperialismo social

“Assisti ontem a uma reunião de desempregados em Londres, e, depois de ter ouvido os discursos virulentos, que não eram nem mais nem menos do que um grito pedindo pão, voltei para casa, mais do que nunca convencido da importância do imperialismo [...] o que me preocupa, acima de tudo, é a solução do problema social. Quero dizer com isto que, se desejam salvar os 40 milhões de habitantes do Reino Unido de uma criminosa guerra civil, os responsáveis pela política colonial devem abrir novos territórios ao excedente da população e criar novos mercados para os produtos das minas e das fábricas. Sempre disse que o Império Britânico era uma questão de pão com manteiga. Se queremos evitar a guerra civil temos de ser imperialistas”.

(Cecil Rhodes *apud* GOLLWITZER, Heinz. *O Imperialismo Europeu*. Lisboa: Verbo, s/d [edição inglesa de 1969]. p. 142)

“Somos pelo nacionalismo porque acreditamos que o desenvolvimento do poder econômico e político da nação alemã no estrangeiro é condição prévia e necessária para que se possa realizar toda e qualquer reforma social interna de largo alcance. Ao mesmo tempo temos a convicção de que um poder externo desprovido de sentimento nacional não pode, a longo prazo, dar satisfação às massas politicamente interessadas. Por isso, queremos, no exterior uma política de poder e, no interior, uma política de reformas”.

(Friedrich Neumann. *Nationalsozialer verein* *apud* GOLLWITZER, Heinz. *O Imperialismo Europeu*. Lisboa: Verbo, s/d [edição inglesa de 1969]. p. 146-147)

Exportação de capital e conquista de mercados

“Li, em livros sábios, cálculos que totalizam a perda, para cada colono que se vai embora, e deixa a mãe-pátria. Há então uma contestação possível sobre este ponto. Com efeito, é evidente que um país que deixa escapar uma grande onda emigratória não é um país feliz, um país rico, e não seria censura à França nem opróbio se se observasse que ela é, de todos os países da Europa, aquele que tem menos emigrantes. Mas não somente existe este interesse na colonização. As colônias são, para os países ricos, um investimento de capitais dos mais vantajosos. O ilustre Stuart Mill consagrou um capítulo de sua obra para fazer esta demonstração, que assim resume: “para os países velhos e ricos, a colonização é um dos melhores negócios a que se possam dedicar” [...]. Digo que a França sempre regurgitou de capitais e exportou-os em quantidades consideráveis ao estrangeiro; com efeito, é em bilhões que se podem contar as exportações de capitais feitas por este país grande, que tão rico é – digo que a França tem todo interesse em considerar este lado da questão colonial.

Mas, senhores, há outro lado mais importante desta questão, que domina de muito aquele em que acabo de tocar. A questão colonial é, para os países dedicados pela natureza mesmo de sua indústria a uma grande exportação como a nossa, a própria questão de mercados [...].

Deste ponto de vista, repito, a fundação de uma colônia é a criação de um mercado. A experiência demonstra, com efeito, que basta [interrupções à direita]. Senhores, nesse ponto de vista particular, mas da mais alta importância, nos tempos em que nos achamos e na crise que atravessam todas as indústrias européias, a fundação de uma colônia é a criação de um mercado. De fato, observou-se, e os exemplos abundam na história econômica dos povos modernos, que basta que o laço colonial subsista entre a mãe-pátria que produz e as colônias que ela fundou, para que o predomínio econômico acompanhe e sofra, de certa maneira, o predomínio político.

(Jules Ferry. Discurso na Câmara dos Deputados, a 28 de julho 1885 *apud* MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Textos e Documentos para o estudo da História Contemporânea*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1976. p. 116-117.)